



UMA VISÃO MARXISTA PERANTE A AMÉRICA ESPANHOLA DO SÉCULO XIX: UMA CRÍTICA A LEITURA DE MARX PERANTE SIMON BOLÍVAR

Carolina Polli De Freitas¹ e Diego Campagnolli Teixeira²

No ano de 1857, Karl Heinrich Marx, junto de Friedrich Engels, foi contratado pelo diretor da revista *New American Cyclopaedia*, Charles Dana, para escrever artigos biográficos e de história militar, sendo a maioria destes da autoria de Engels.

A partir desta parceria com a revista estadunidense que Marx escreve “Simón Bolívar”, um artigo crítico visceral sobre a figura do já falecido “Libertador das Américas” que utilizaremos, junto dos textos de introdução e epílogo encontrados na edição brasileira feita em 2008 pela editora Martins Fontes, para analisar a visão marxista do século XIX, colocando em debate elementos da perspectiva representada no texto que podem ser considerados consequências de uma visão limitada, proeminente da distinção sociocultural e geográfica imposta ao economista alemão enquanto redigia o texto em questão.

Em sua narrativa, Marx analisa o processo de independência de diferentes províncias, como a Colômbia, Peru e Venezuela, assim como as decisões político-militares tomadas por Bolívar nos principais eventos de sua jornada para libertação da América Espanhola na primeira metade do século XIX.



Demonstrando cunho agressivo no decorrer de sua narrativa, Marx não se segurava em deixar claro seu desgosto para com a figura de Simón na carta de 14 de

¹ Graduanda em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: 1 cacapollif@gmail.com. ORCID: 0000-0002-0206-9664.

² Graduando em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: 2 diego.campagnolli13@gmail.com. ORCID: 0000-0002-2466-4544.

fevereiro de 1858, na qual descrevia à Engels que “seria ultrapassar os limites querer apresentar como Napoleão I o mais covarde, brutal e miserável dos canalhas. Bolívar é o verdadeiro Soulouque.”

Logo, a crítica feita por Marx no decorrer de seu texto, descreve de forma factual o ocorrido ao mesmo tempo que deixa subentendido sua opinião e visão perante o “Imperador” Latino-americano, ignorando fatos importantes que definiram o desenrolar da vida de Simón Bolívar.

Bolívar marchou para Pamplona, onde passou cerca de dois meses em festejos e bailes. Em 3 de Novembro, chegou a Mantecal, na Venezuela, onde havia instruído os chefes patriotas do território a se reunirem com suas tropas, Com um tesouro de uns 2 milhões de dólares, obtidos dos habitantes de Nova Granada mediante contribuições forçadas, e dispendo de uma tropa de aproximadamente 9 mil homens, um terço dos quais compunha-se de ingleses, irlandeses, hanoverianos e outros estrangeiros bem disciplinados, coube-lhe então enfrentar um inimigo despojado de todos os recursos e reduzido a uma força nominal de 4.500 homens, dois terços dos quais eram nativos e, por conseguinte, não podiam inspirar confiança nos espanhóis. Com Morillo em retirada de San Fernando de Apure para San Carlos, Bolívar o seguiu até Calabozo, de modo que os quartéis-generais inimigos ficaram a apenas dois dias de marcha um do outro. Se Bolívar tivesse avançado com arrojo, suas simples tropas europeias teriam esmagado os espanhóis, porém ele preferiu prolongar a guerra por mais cinco anos. (Simón Bolívar por Karl Marx/ tradutor Vera Ribeiro. – São Paulo: Martins,2008. Pág. 48)

Posto isso, pode-se concluir que Marx não apenas criticava assiduamente Bolívar, como também a partir da aplicação do conceito de lutas de classes europeizado e industrial, transmitido pelas ideias do Filósofo alemão, que ignorava a real situação americana, dado que na Europa o desenvolvimento industrial acelerado e a formação e Ascensão da classe burguesa do século XIX, estimulados pela 1ª revolução industrial configurou América e a Europa em patamares socio-desenvolvimentistas totalmente antitéticos. Sendo assim, de seu ponto de vista, Simón Bolívar, independentemente do papel central que exerceu na independência da América, não passava apenas de uma figura de poder buscando o controle absoluto dos povos recém libertos. Em suas palavras, “o que Bolívar realmente almejava era erigir toda a América do Sul como uma única república federativa, tendo nele próprio seu ditador. Enquanto, dessa maneira, dava plena vazão a seus sonhos de ligar meio mundo a seu nome.” (Simón Bolívar por Karl Marx/ tradutor Vera Ribeiro. – São Paulo: Martins,2008. Pág. 53)

Contudo, Karl Marx, mesmo criticando a figura ditatorial e as ideias panamericanistas de Bolívar, parece se apoiar em cima de uma imagem de herói revolucionário da luta proletária não encontrada em Bolívar, filho de espanhóis que morrera 18 anos antes de Marx e Engels terem publicado a primeira versão do Manifesto do Partido Comunista, em 1848, em uma América que nem sequer possuía uma indústria própria para formação de classes proletárias urbanas como estudadas por Marx e Engels na Europa.

No Manifesto, Marx explica que o sistema de classes europeu: “é produto de um longo processo de desenvolvimento, de uma série de transformações nos modos de produção e circulação” que inclui a formação da burguesia, a colonização da América e

formação da indústria. Entretanto, na América Latina a revolução industrial ainda teria que esperar décadas após a morte de Bolívar, que atuara dentro de um ambiente mais próximo do feudalismo do que de capitalismo moderno, representando uma contradição da lógica de Marx em desejar que Bolívar iniciasse uma revolução que ele mesmo considerava impossível na América de seu tempo.

Cada um desses estágios do desenvolvimento da burguesia se fez acompanhar do correspondente progresso político. Estamento oprimido sob a dominação dos senhores feudais, associação armada e auto governante na comuna, ora república municipal independente, ora terceiro estamento tributável da monarquia; depois, à época da manufatura, contrapeso para a nobreza na monarquia estamental ou na absoluta, fundamento central de todas as grandes monarquias — a burguesia por fim conquistou para si, desde o estabelecimento da grande indústria e do mercado mundial, a exclusiva dominação política no moderno Estado representativo. O moderno poder estatal é apenas uma comissão que administra os negócios comuns de toda a classe burguesa. (Manifesto do partido comunista / Karl Marx e Friedrich Engels; tradução de Sérgio Tellaroli; posfácio de Marshall Berman; revisão técnica Ricardo Musse. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. Pág. 46)

Referências bibliográficas

Simón Bolívar por Karl Marx/ tradutor Vera Ribeiro. – São Paulo: Martins,2008.

Manifesto do partido comunista / Karl Marx e Friedrich Engels; tradução de Sérgio Tellaroli; posfácio de Marshall Berman; revisão técnica Ricardo Musse. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.